



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – UNIPAMPA

**GÊNERO, SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
“TEREI QUE REVER MEUS CONCEITOS OU ME ACOSTUMAR COM
A IDEIA”?**

Josiane da Silva Quintana Alves

Trabalho de Conclusão de Curso

Bagé

2011

JOSIANE DA SILVA QUINTANA ALVES

**GÊNERO, SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: “TEREI
QUE REVER MEUS CONCEITOS OU ME ACOSTUMAR COM A
IDEIA”?**

Trabalho apresentado ao final do Curso de Graduação em Licenciatura Letras Português/Espanhol da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português/Espanhol e respectivas Literaturas.

Área de Concentração: Letras

Orientador: Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos

**Bagé
2011**

JOSIANE DA SILVA QUINTANA ALVES

**GÊNERO, SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: “TEREI
QUE REVER MEUS CONCEITOS OU ME ACOSTUMAR COM A
IDEIA”?**

Trabalho apresentado à Universidade Federal
do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciada em Letras
Português/Espanhol.

Área de Concentração: Letras

Trabalho defendido e aprovado em 05/07/11

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos
Orientador

Profa. Dra. Fabiana Giovani
Letras - Unipampa

Prof. Ms. Sandro Martins Costa Mendes
Letras - Unipampa

Dedico este trabalho a minha avó que tinha o sonho de ser professora de Português.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Moacir Lopes de Camargos pela orientação, pelos pães de queijo e pelo apoio para que eu realizasse esse trabalho.

À minha mãe pela compreensão devido a minha presença, muitas vezes, somente “de corpo” em casa.

Ao meu namorado que compreendeu minha falta de tempo, ausência e, nos momentos de desânimo, me motivou a não desistir deste sonho.

Aos meus amigos pela paciência as minhas atitudes, muitas vezes hostis, durante a produção de algum (vários!) trabalho. Principalmente à Pauline Luiz que me acompanhou pacientemente durante esses cinco anos de graduação e, contra própria vontade, aprendeu muito das teorias vistas por mim durante o curso.

Às minhas colegas de curso pelo convívio, momentos de amizade de apoio.

À professora Miriam Kelm que fez eu me apaixonar pela Literatura e pela arte de ensinar Literatura.

À professora Valesca Brasil Irala pelas oportunidades oferecidas em seus projetos, assim como os puxões de orelha e troca de ideias nas conversas particulares.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa, especialmente aos alunos do 7º semestre de Letras.

Ninguém pode ensinar verdadeiramente, se não ensina alguma coisa que seja verdadeiro ou válido a seus próprios olhos.

Jean Claude Forquim

RESUMO

Este estudo analisou como professores em formação se relacionam com as questões de gênero e sexualidade, bem estas como foram abordadas durante seu curso, e se realmente sentem-se preparados para trabalhar estes dois temas nas escolas da educação básica. Para realização deste trabalho foi desenvolvida uma pesquisa de base qualitativa, ocorrida em dois momentos: o primeiro, apenas para fins de experiência, realizado com alunos do terceiro semestre do curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – campus Bagé; e o segundo, no qual os dados estão apresentados neste estudo, realizado com dez alunos do sétimo semestre do curso já citado. Para tal proposta, foi apresentado o trecho de um curta metragem brasileiro (Café com Leite) que apresenta um casal homossexual masculino demonstrando afeto. Depois desta exibição, os pesquisados deveriam responder algumas perguntas, as quais serviram de *corpus* desta pesquisa. A análise destes dados teve como suporte teórico estudos sobre identidade, gênero e sexualidade. Para tanto, são utilizados autores tais como: Hall (2003), Moita Lopes (2007), Louro (2003,1999) Woodward (2000), a fim de que se pudesse perceber como estes futuros educadores estão (ou não) prontos para debater/lidar tais questões já que em suas vivências diárias estes são constituídos subjetivamente por discursos culturais, midiáticos, acadêmicos, religiosos , dentre outros.

Palavras – chave: professores em formação, gênero, identidade, sexualidade.

RESUMEN

Ese trabajo pretende analizar la relación de los profesores en formación en lo que se refiere a las cuestiones de género y sexualidad, sus abordajes en la facultad y, además, si los académicos realmente están preparados para tratar de esos temas en las escuelas primarias y secundaria. Para la recogida de datos fue desarrollada una investigación cualitativa realizada con un grupo de diez alumnos del séptimo semestre del curso de licenciatura en letras Portugués/Español de la Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – Campus Bagé.. Para desarrollar tal propuesta, los investigados miraron el video de corta duración *Café com Leite* , lo cual presenta una pareja homosexual masculina en varios momentos de cariño. Después de la presentación del video, los alumnos investigados deberían contestar algunas preguntas, las cuales representan el *corpus* de esa investigación. Para el análisis de los datos se utilizó estudios sobre identidad, género y sexualidad. Para tal, fue utilizado teóricos tales como: Hall (2003), Moita Lopes (2007), Louro (2003, 1999), Woodward (2000), con la finalidad de percibir si los profesores en formación están listos para debatir/tratar esas cuestiones, una vez que en sus cotidianos están constituidos subjetivamente por discursos culturales, de los medios de comunicación, académicos, religiosos, entre otros.

Palabras clave: profesores en formación, género, identidad, sexualidad

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO	09
2- REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 Conceituando Gênero e Identidade	11
2.2 Gênero e identidade nas instituições de ensino	14
3- METODOLOGIA	25
3.1 O processo da pesquisa	26
4- ANÁLISE DOS DADOS	28
4.1- Análise	28
4.1.1 A homossexualidade que causa estranheza	28
4.1.2 Homossexualidade como causadora de constrangimento	30
4.1.3 Gênero e sexualidade como temas abordados na universidade	31
4.1.4 A relevância da abordagem de identidade sexual nas instituições de ensino	32
4.1.5 Estou seguro para tratar de sexualidade e gênero na educação básica?	34
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
7- ANEXOS	40

1- INTRODUÇÃO

Após uma atividade¹ em que a homossexualidade foi abordada, pus-me a refletir sobre as reações de minhas próprias colegas a respeito do fato. Preocupe-me, pois algumas atitudes demonstraram-se preconceituosas, mantendo apenas a unilateralidade de um discurso midiático-religioso ou socialmente aceito. Assim sendo, ocorreu-me a seguinte pergunta: o que esperar de alguns acadêmicos que, frente a diversidade sexual, mantém um distanciamento de algo tão natural?

Os cursos de licenciatura deveriam ser o lugar onde o “saber lidar com a diversidade” fosse aprimorado. Nele deveria haver uma revisão/reflexão de conceitos, atitudes e opiniões, visto que, chegando à prática docente, um professor deve ter a sensibilidade de compreender o outro, suas necessidades e não apenas reforçar preconceitos já existentes, como é o caso de questões relativas a gênero, foco desta pesquisa.

Embora já tenha uma vasta gama de pesquisas, a homossexualidade continua sendo um tema pouco abordado e, muitas vezes, ignorado por muitos professores nas salas de aulas. Acredita-se que é “algo da idade”, ou ainda pior, um desvio, uma doença que precisa ser tratada. Também, grande parte dos docentes crê que é uma temática que deve ser deixada para um segundo plano, uma vez que não interferirá nas atitudes tanto de um aluno opressor quanto de um aluno oprimido. Ou ainda, isso é um problema que cabe à família resolver, e a escola não deve intrometer.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar o posicionamento de professores em formação quanto às questões de gênero (mais especificamente, a homossexualidade), uma vez que a sexualidade é um dos temas transversais dos novos parâmetros curriculares. Logo, deverá ser abordado em sala de aula².

Para a realização desta pesquisa foram utilizados, como *corpus*, comentários críticos e respostas às questionários³ de dez alunos do 7º semestre do Curso de Letras da UNIPAMPA, Campus Bagé, sobre questões relativas a gênero e

¹ Atividade realizada em Junho/10 durante as aulas da disciplina Espanhol Avançado I do Curso de Letras, UNIPAMPA, campus Bagé. Cada aluno deveria levar para sala de aula algum texto, vídeo, reportagem, etc. para que fosse discutido em sala de aula. Levei um trecho da novela argentina “Botineras” na qual eram mostradas imagens de um casal homossexual masculino beijando-se.

² Segundo Foucault, a sexualidade é uma invenção social, pois é construída historicamente segundo processos culturais e plurais.

³ Ambos coletados no primeiro semestre do ano de 2011.

sexualidade, relacionando-as com a formação de professores. Para produção desses comentários, foi levado aos alunos um breve trecho do curta-metragem *Café com Leite*, no qual um casal homossexual masculino troca carícias. Logo em seguida, foi entregue ao grupo uma folha com três perguntas a serem respondidas segundo as concepções pessoais e/ou formação acadêmica do grupo (ver anexo). Esta atividade foi realizada no primeiro semestre de 2011.

O trabalho está dividido em três partes: referencial teórico, metodologia e análise de dados. Na primeira parte, serão discutidos conceitos de gênero e identidade, além de como são tratadas essas questões nas instituições de ensino. Na metodologia é apresentado o processo da pesquisa para coleta de dados, apresentação dos pesquisados, assim como informações relevantes percebidas durante a coleta de dados. Na terceira parte, são analisadas as respostas ao questionário e impressões dos graduandos do 7º semestre após assistirem ao trecho do vídeo *Café com leite*.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 – Conceituando gênero e identidade

As reflexões sobre gênero tem início na década de 1960 com a Teoria Crítica Feminista. Na literatura, a escritora inglesa Virgínia Woolf analisa o papel da mulher na sociedade, mas enquanto mulheres eram enaltecidas em obras literárias, em seus cotidianos continuavam sendo submissas aos homens. A filósofa francesa Simone de Beauvoir, assim como Virgínia Woolf, constata que a diferença entre homens e mulheres está na alteridade, mas sem diálogo, pois o homem é o “sujeito” e a mulher é sempre o “outro”. Conforme nos explica Remédios (2000:9)

[...] O homem apresenta-se como detentor do poder, a mulher define-se como o espaço a ser preenchido com qualquer significado que o grupo dominante determine. Assim, a mulher mitifica-se, torna-se o espaço imaginário dos sonhos, das idealizações e dos medos masculinos. Ela é, então, “tudo o que o homem quer ter, sua negação e sua razão de ser”. Torna-se na literatura, “o espelho em que o Narciso macho se contempla”. Simone de Beauvoir chega à conclusão de que “definindo mulher, cada escritor define sua ética geral e a idéia singular que faz de si mesmo”. [...]

Encontramos, na teoria feminista, duas definições de extrema importância para gênero, a saber: o gênero é um processo social e uma categoria analítica. Segundo Rodrigues apud Remédios (2000:93-94) no processo social é que se determina o que é masculino ou feminino. E isso pode ser variável de uma cultura para outra. Quanto à categoria analítica, a autora afirma que esta permite compreender as particularidades destes processos.

Essas concepções a respeito de gênero ganham força no final da década de 60 e início dos anos 70, questionando a relação homem/mulher, reavaliando leis patriarcais até então inquestionáveis. A partir deste momento, baseadas nas experiências femininas, outras minorias passam a ser percebidas (ter vez e voz): negros, homossexuais, países colonizados, refugiados de guerra, dentre outros grupos.

Pelo exposto acima, podemos dizer, então, que em nossos cotidianos ainda encontramos muitos indícios de uma centralização nos discursos, sejam eles

culturais, sociais ou religiosos. Esses discursos estão explícitos na própria linguagem. Quem for o centro das atenções neste discurso, defenderá, através da linguagem, seu ponto de vista. Ou seja, ao enfatizarmos quem for o “centro da atenção” (o sujeito), quem ocupar o papel de “outro” tenderá a ficar oprimido (ter pouca ou nenhuma voz, participação) e, conseqüentemente, não terá direito ou será massacrado.

Pelo discurso construímos nossa identidade e a do outro. A linguagem que usamos é embasada em nossa história sociocultural. Devido a este fato, nos encontramos em constante reconstrução. A língua é apenas mais um dos marcadores visíveis do grupo que estamos inseridos. Nas palavras de Moita Lopes (2007:17)

[...] Todo discurso provém de alguém que tem suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e que o posicionam no discurso de um modo singular assim como seus interlocutores. Dessa forma quando qualquer ser humano age e interage em um dado contexto, outros reconhecem aquela pessoa como agindo e interagindo com um “certo tipo de pessoa” ou mesmo como diversos “tipos” diferentes ao mesmo tempo. [...]

Também é através da linguagem que os sujeitos assumem papéis sociais e mostram as várias faces de suas identidades. Ao analisar a produção de um discurso, deve-se considerar local /situação/ "público" onde estes discursos são produzidos. Somos todos donos de multi-identidades, atores sociais representando nos "palcos" adequados a nossos personagens. Conforme afirma Orlandi (2007:16)

[...] Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. [...]

É inevitável a constatação das diferenças individuais em distintas sociedades ou grupos sociais. Isso gera problemas no que diz respeito à aceitação (ou não) das singularidades humanas. Porém, muitas vezes é desconsiderado que tanto os fatores biológicos quanto os sociais agem na constituição de um indivíduo. Isso faz com que ocorram embates nas relações humanas, pois, geralmente, não se admite

que haja um desvio no modelo dito padrão (seja sexual, religioso, estético, político...).

Acredito que essa multiplicidade identitária do sujeito pós-moderno reenvia a sociedade para o pensamento sobre a identidade dos sujeitos como descritos na teoria Iluminista⁴ (ela é imutável e inata ao sujeito). Desse modo, parece-me que ainda estamos vivendo o "poder disciplinar", denominado como sendo uma técnica de organização dos indivíduos, o qual tenta controlar o homem e suas multiplicidades, conforme explica Foucault (1985). O que ocorre, hipotetizo, neste momento da sociedade é uma pseudo-aceitação dos "diferentes", que está aliada a uma mentalidade Iluminista fortemente associada ao poder disciplinar que nos explica Foucault. Assim, podemos nos perguntar: por que tanta ênfase nas diferenças identitárias (principalmente as minorias) se o mundo é tão fragmentado de padrões? Não seria mais fácil conviver com elas do que querer padronizá-las para engavetá-las em modelos socialmente impostos?

Woodward (2000) aponta, à luz de exemplos dados por diversos pesquisadores, como os fatores biológicos, históricos e sociais podem ser determinantes (ou não) para a construção da definição de identidade tanto num aspecto global, nacional, local, quanto individual. Isso ocorre por intermédio da aquisição de símbolos a partir da identificação do sujeito/grupo com determinado grupo social, pensamento ou corrente filosófica. A partir das escolhas não feitas, surge o "diferente" e assim, muitos conflitos (não-homem, não-branco, não-europeu, não-rico, não-católico, não-heterossexual...) que colaboram para a crise de identidade.

Textos como esse de Woodward nos levam a refletir sobre quem é o sujeito, quais as identidades que o constituem e quais os papéis sociais que ele desempenha a partir das identidades por ele eleitas. Novamente, surge outra pergunta: em quais momentos camuflamos nossa identidade para desempenhar o papel social esperado pelos demais? Questionamentos semelhantes a esses são elaborados por alguns grupos sociais, etnias, nacionalidades, a fim de reivindicar

⁴ O indivíduo permanece a vida inteira com sua identidade condicionada aos fatores estipulados por seu grupo: se nasceu pobre, continuará pobre. Se é do sexo masculino, deverá continuar com atitudes masculinas, etc. Ou seja, não se deve ir contra ao que já se espera socialmente do indivíduo e que já lhe está estabelecido antes mesmo de seu nascimento como, por exemplo, a cor do enxoval : rosa para meninas e azul para meninos.

uma identidade histórica ou aceitar que a identidade está em constante mudança e, assim, constituída de identidadeS, cabendo a cada um deles decidir se suas concepções possuem um núcleo essencial (distingue-se um grupo de outro) ou é contingente (resultados de diferentes componentes).

2.2- Gênero e identidade nas instituições de ensino

É inevitável a constatação das diferenças individuais em distintas sociedades ou grupos sociais. Isso pode gerar problemas no que diz respeito à aceitação (ou não) das singularidades humanas. E na educação, como isso se dá? As diferentes concepções - seja sobre raça, gênero, linguagem, etc. que o docente possui - poderão, certamente, refletir em seu trabalho na escola. Elas serão seus guias na escolha de conteúdo, métodos avaliativos, objetivos e interação com os alunos.

A partir dos anos 90 coube à escola o “desenvolvimento para vivência de uma cidadania plena” e a diminuição da exclusão social. Ao professor cabe ser o mediador de conhecimentos e de cultura para que o discente possa progredir em sua trajetória escolar. Para alcançar esse objetivo foram incluídas, pelos PCN's, como sugestão de temas a serem trabalhados na escola, questões sobre sexualidade. Pensando nisso, antes da apresentação dos Temas Transversais, é afirmado no PCN's (1998:5) pelo Ministro da Educação e do Desporto:

[...] O papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos. Vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência, em que progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho. Tal demanda impõe uma revisão dos currículos, que orientam o trabalho cotidianamente realizado pelos professores e especialistas em educação do nosso país. [...]

Desse modo, a escola deve (teoricamente) preparar cidadãos para a pluralidade social a qual estamos inseridos⁵. O ambiente escolar deve propiciar momentos para reflexões dos mais distintos temas, esclarecendo dúvidas, mostrando que não há apenas uma única verdade, mas verdadeS. Por isso, os Temas Transversais trazem

⁵ Sobre este aspecto é importante fazer a seguinte pergunta: será que a escola, ao invés de incluir, não reforça a exclusão?

aos PCN's (1998:23) questões sobre ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo.

[...] Ao se admitir que a realidade social, por ser constituída de diferentes classes e grupos sociais, é contraditória, plural, polissêmica, e que isso implica na presença de diferentes pontos de vista e projetos políticos, será então possível compreender que seus valores e seus limites são também contraditórios. Por outro lado, a visão de que a constituição da sociedade é um processo histórico permanente, permite compreender que esses limites são potencialmente transformáveis pela ação social. E aqui é possível pensar sobre a ação política dos educadores. [...]

É necessário que a escola esteja aberta para debates sobre estes temas, apesar de não ser o que se percebe na prática. Infelizmente, há uma descrença no potencial de transformação que a escola possui. Mas de que adianta toda essa preocupação com estas questões somente na vida docente? A partir desta preocupação, focalizando o tema Orientação Sexual, percebe-se que os Temas Transversais são poucas vezes abordados e desenvolvidos, inclusive no ensino superior. Quando discutidos, são apresentados, muitas vezes, em rápidas oficinas ou palestras, mas não são levados a uma discussão mais profunda, fazendo com que haja questionamentos de como e o que trabalhar sobre estes temas enquanto professores atuantes.

As atividades sobre educação sexual nas instituições do ensino não podem ser realizadas com período determinado para início e término. Elas devem ser desenvolvidas de maneira contínua para que não pareça apenas um mero cumprimento de uma determinação institucional. Furlani (2003:68) justifica essa continuidade nos ambientes educacionais

[...] porque o bombardeamento midiático de informações recebidas por crianças e jovens é permanente.... porque as situações de exclusão social, decorrentes do sexismo e da homofobia, são constantes... porque as representações hegemônicas que hierarquizam as diferenças estão permanentemente sendo fixadas mesmo com permanentes resistências... porque a subjetivação da sexualidade está sendo permanentemente posta em questão pelos aparatos discursivos de uma cultura e precisa ter o contraponto reflexivo de uma educação sexual sistemática, corajosa, honesta e politicamente interessada com a crítica desses modelos de desigualdade sexual, de gênero, de etnia, de raça, de geração, de classe, de religião, etc. [...]

A sexualidade em sala de aula, numa apresentação continuada, possibilita que os educadores e alunos reflitam sobre a concepção apresentada na escola/universidade, afim de que sejam superadas as hegemonias que, ainda, circulam na maioria destes ambientes educacionais.

Retomando a discussão sobre a linguagem, é por meio dela que constatamos como os indivíduos se relacionam com o mundo, reconhecemos suas identificações e quais discursos perpassam o interlocutor. Em consequência disso, Furlani (2003:69) aponta como prioridade *problematizar a linguagem, por considerá-la fundamental no processo de desconstrução da normalidade*. E é esta atitude que se espera dos (futuros) professores, ou seja, que através da linguagem utilizada em sala de aula, desconstrua-se o arquétipo de normalidade que ainda se encontra vigente na nossa sociedade.

É de praxe direcionarmos o discurso aos homens e às mulheres, tomando como referencia somente o tratamento masculino. Porém, esquecemos que *a linguagem no masculino não é um “reflexo do real”; é uma criação linguística intencionalmente política* conforme nos explica Furlani (2003:70). Esta é uma forma sócio-cultural de demonstrar, pela linguagem, que existe supremacia de um gênero (considerado superior) em relação a outro (considerado inferior). Louro apud Furlani (2003), explica que a posição social destinada aos gêneros é apresentada na linguagem através do uso de adjetivos, uso ou não de aumentativo/diminutivo (filhão, princesinha, machão, bonequinha, gatinha) e por meio da escolha de verbos para este discurso (homem: trabalhar, lutar, defender, etc. mulher: maternar, lavar, cozinhar, cuidar, etc.).

Ao falar sobre orientação sexual a escola, em momento algum, pretende substituir nem ser concorrente à família tradicional como ainda é entendida (pai, mãe, filhos). Ela deve, ao menos, apresentar uma complementação aos conhecimentos transmitidos por esta, mostrando aos discentes vários tabus, crenças, valores que transitam na sociedade para que, a partir destas reflexões, encontrem um referencial, haja vista a enorme diversidade de famílias que temos atualmente: filhos que vivem com o pai ou a mãe, ou avós, com dois pais, duas mães etc⁶. De acordo com os PCN's (1998:83):

⁶ Um exemplo de atividade lúdica para que as crianças reflitam e respeitem a diversidade familiar é o vídeo de curta duração *Diversidad Familiar*, produzido pela Junta de Andalucía

[...] Propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus. [...]

Assim, espera-se que um educador, ao tratar sobre Orientação Sexual, além de apresentar uma confiança na relação professor-aluno, apresente informações esclarecedoras, não simplesmente julgando seus alunos por questionamentos/situações que possam vir a acontecer durante as conversas e que se mostre ético e não moralizador, pois não devemos nos esquecer que a educação é laica. É o que afirma os PCN's (1998:84)

[...] O professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas. O professor, assim como o aluno, possui expressão própria de sua sexualidade que se traduz em valores, crenças, opiniões e sentimentos particulares. Não se pode exigir do professor uma isenção absoluta no tratamento das questões ligadas à sexualidade, mas a consciência sobre quais são os valores, crenças, opiniões e sentimentos que cultiva em relação à sexualidade é um elemento importante para que desenvolva uma postura ética na sua atuação junto dos alunos. [...]

Ao questionar-me se existe um local adequado para que se trate sexualidade, logo me deparei com uma resposta negativa para esta questão. Aprende-se com a televisão, com as músicas, com as revistas, na rua, nos teatros, nos cinemas, na internet, no bate papo com amigos... Porém, o que sabemos é que, culturalmente, a maioria das escolas/cursos de graduação é local onde a sexualidade pode ser menos abordada ou tratada de forma errônea. Quando se trata de questões de gênero, a dedicação à temática, em muitas destas instituições, também pode ser ainda menor. Parece-me que, o que nos afirma Louro (1999:9) *as muitas formas de*

fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver os prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje de forma mais explícita que antes) é esquecido justamente na grande maioria das instituições educacionais, locais que propõem a formar cidadãos conscientes e críticos.

Tratar homossexualidade em sala de aula é algo impensável por muitos professores, uma vez que consideram que há locais apropriados para tal abordagem ou cabe à família esse tipo de esclarecimento. E isso já está presente há muitos anos na história da educação. Porém, como não tratar deste tema, pois quando entramos em sala de aula, percebemos que não convivemos somente com mentes, mas corpos e mentes? Hooks (1999:115), afirma que:

[...] Entrando numa sala de aula determinadas a anular o corpo e a nos entregar por inteiro à mente, nós demonstramos através de nossos seres o quão profundamente aceitamos o pressuposto de que a paixão não tem lugar na sala de aula. A repressão e a negação permitem-nos esquecer e, então, tentar, desesperadamente, recuperar a nós mesmas, nossos sentimentos, nossas paixões em algum lugar privado – depois da aula. [...]

A sociedade apresenta inúmeras maneiras de evidenciar práticas homofóbicas. E isso é demonstrado desde cedo por muitas crianças, que repetem piadas sobre homossexuais feitas por adultos. Em diversas escolas/cursos de graduação, costuma-se observar que atitudes homofóbicas (tanto por alunos quanto professores e funcionários) se dá como, perfeitamente, descreve Louro (1999:29):

[...] Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade. O resultado é, muitas vezes, o que Peter McLaren (1995) chamou de *apartheid sexual*, isto é, uma segregação que é promovida tanto por aqueles que querem se afastar dos/das homossexuais como pelos/as próprios/as.”

Tanto no ensino básico, quanto no superior, a condição de homossexual continua sendo, para vários jovens e adultos, ambientes de difícil aceitação. Torna-

se muito mais fácil “ser” apenas mais um heterossexual do que ir contra o restante do grupo, aceitar as taxações, e ser forte por ser o/a “outro/a”. Louro (1999:31) afirma que

[...] Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos, ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sociais, reprimindo e marginalizando outras. [...]

Para a sociedade, apesar do preconceito, é necessária a existência dessas identidades, que não fazem parte do padrão esperado⁷, para que os heterossexuais possam afirmar a sua. Quanto mais essa suposta hegemonia puder julgar e apontar o não-heterossexual como o errado, o feio, o perverso, sua posição como dominante estará garantida. Ou seja, quanto mais a sociedade afirmar a homossexualidade como algo negativo, menor será o risco desta sociedade perder o seu modelo padrão aceitável (normal) e continuará a sua hegemonia como predominante. Nas palavras de Butler (2002) a própria sociedade cria-se os corpos abjetos (e locais para estes circularem – zonas de prostituição, guetos) para garantir a hegemonia dos corpos que serão os padrões a serem seguidos.

É pela afirmação heterossexual que estamos presenciando uma luta de diversos grupos pela volta da “prática dos bons costumes”, tentando silenciar (extinguir) as identidades sexuais “desviantes”. Porém, o que ocorre, é que essas identidades, ainda marginalizadas, estão debatendo e questionando a essa hegemonia heterossexual, lutando por seus direitos, tornando-se visível, mostrando que não há superiores, mas que as identidades são instáveis, lugares de luta e em constante mudança.

As transformações sociais que estamos vivenciando (relações virtuais, lutas para mudança no gênero na identidade civil, novos conceitos para o termo “família”, leis que amparam casais homossexuais⁸, paternidade/maternidade cada vez mais

⁷ Um exemplo disto ocorreu na cidade de Jaguarão em março deste ano, na própria UNIPAMPA. Um universitário desta instituição, negro e tendo declarado ser homossexual, teve que sair da cidade, depois de sofrer ameaças de policiais civis. Estes agrediram o jovem com golpes de cassetete após o universitário perguntar se os policiais eram racistas.

⁸ A união civil homossexual foi aprovada, no Brasil, por unanimidade pelo Superior Tribunal Federal (STF) em maio deste ano. Com esta aprovação está garantido aos casais homossexuais vários direitos como, por exemplo, a partilha de bens, declaração conjunta no

cedo entre os adolescentes, avanços nas pesquisas sobre remédios para doenças até então incuráveis, entre outros...) são fatores que influenciam diretamente na formação de uma identidade de gênero dos indivíduos. Estes são exemplos de que, como afirma Hall (2003), a identidade é construída (e mutável) ao longo de nossas vidas devido a situações e mudanças que vivemos.

Britzman (1999) inicia o seu artigo “Curiosidade, sexualidade e currículo” apresentando alguns questionamentos relevantes à pesquisa desenvolvida neste trabalho: como se deve trabalhar a sexualidade em sala de aula? Deve-se considerar a posição particular do docente? Qual a relação deste conteúdo pedagógico com a relação professor-aluno? Dependendo das respostas a estas perguntas, poderá se induzir (ou não) o ensino/aprendizagem ao que exatamente o docente (escola, sociedade...) opina e espera que os alunos reproduzam, ou produzam uma real reflexão sobre a temática, possibilitando que os próprios discentes (com um maior número de informações possíveis) construa sua própria opinião sem ter de “engolir” o que está sendo tratado. As aulas de educação sexual devem não somente se limitar a explorar a sexualidade como uma forma de viver e de ter cuidado com o corpo. Elas devem ir mais além. Nas palavras de Britzman (1999:85-86)

[...] A cultura da escola faz com que respostas estáveis sejam esperadas e que o ensino de fatos seja mais importante do que a compreensão de questões íntimas. Além disso, nessa cultura, modos autoritários de interação social impedem a possibilidade de novas questões e não estimulam o desenvolvimento de uma curiosidade que possa levar professores e estudantes a direções que poderiam se mostrar surpreendentes. Tudo isso faz com que as questões da sexualidade sejam relegadas ao espaço das respostas certas ou erradas. [...]

Geralmente, a temática “sexualidade” não é discutida em determinados lugares (na escola ou universidade, foco deste trabalho) pela ideia de que existe um local apropriado para discuti-la (Britzman,1999). Mas ao seguir esta linha de raciocínio, restringiríamos as demais discussões a seus “locais específicos” e, a

Imposto de Renda, adoção de filhos, dentre outros direitos. Assim sendo, esses casais têm os mesmos direitos e deveres de casais heterossexuais, embora muitos cartórios ainda se recusem a emitir o documento de união estável a casais homossexuais. Desse modo, percebemos a mudança no conceito de família, o que não pode deixar de ser discutido pelos materiais didáticos e escolas.

escola perderia mais um de seus objetivos que é promover reflexão focando na formação integral do indivíduo. Ao pensar na sexualidade como algo que ultrapassa locais específicos para discussão, podemos apresentar três observações iniciais descritas por Britzman (1999:89):

- a) A sexualidade é dinâmica;
- b) A sexualidade não segue as regras da cultura;
- c) Domínio imaginário. “Sem sexualidade não haveria qualquer curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender”.

Num contexto que não possibilita reflexão, é provável que tanto os docentes quanto os discentes omitam suas opiniões e o interesse em falar sobre sexualidade, visando apenas o cumprimento de conteúdos e da carga horária estabelecidos pela instituição. Além disso, o que mais dificulta uma abordagem ética deste item são a estrutura da escola e a aceitação (?) dos professores. Assegura Britzman (1999:87) que

[...] aquilo que é obvio para umas pessoas torna-se, para outras, algo a ser arriscado. Mesmo quando tentamos falar sobre sexo existe uma estranha contradição entre a própria ambiguidade da linguagem e a insistência dominante na instabilidade do significado das práticas sexuais. [...]

Ao tratar de sexo em universidades ou no currículo escolar, este se torna dessexualizado. Utiliza-se somente de práticas explicativas, didáticas ou como acontece em muitas escolas e cursos superiores, sexo ainda é tratado como sendo sinônimo de gravidez (métodos anticoncepcionais) ou doenças – HIV o grande terror⁹. Assim sendo, impossibilita debates apresentando fatos, dúvidas, ansiedades e vivências sexuais. Além disso, o regente da turma, muitas vezes, pode não estar preparado para desenvolver este tipo de debate por medo de não conseguir responder a perguntas trazidas pelos alunos, ou simplesmente por saber que o debate se resumirá a uma discussão entre os pontos de vista do mediador e dos discentes. Segundo suas pesquisas, Britzman (1999:96) observa que:

⁹ Inclusive em muitos cursos de medicina não se fala de gênero, mas sexo como sinônimo de doença.

[...] A sexualidade, argumenta Freud, começa no início da vida e é, portanto, indistinguível de qualquer outra experiência, porque o corpo é tudo. Além disso, ele insiste que o instinto sexual é, em sua origem, polimorficamente perverso e, portanto, não está organizado pela escolha do objeto ou pelo sexo “verdadeiro”. [...]

A psicanálise poderia auxiliar a educação a diminuir seus preconceitos no que diz respeito à sexualidade, fazendo com que o processo educativo refletisse sobre sua prática ao abordar tal temática. Ana Freud (1979:106) aponta três utilidades da psicanálise à educação: *ao possibilitar uma crítica aos métodos educacionais; ao ampliar o conhecimento que as professoras têm das vicissitudes humanas; e, tentar reparar as injúrias que são infligidas à criança durante o processo da educação.*

Quando se evita a reflexão sobre algo, faz-se com que o indivíduo torne-se ignorante sobre determinada temática. Reprimir fatos somente permite que o sujeito permaneça com a percepção que lhe foi apresentada, impedindo que este amplie seu conhecimento sobre determinados assuntos e, talvez, modifique sua primeira concepção. Porém, Britzman (1999:96-97) apresenta a repressão com algo positivo:

[...] O movimento de repressão é dinâmico e produtivo, um movimento de volta e retorno. O que torna o retorno do reprimido tão estranho é que as novas ideias se tornam afixadas a velhos afetos. [...] A repressão é, assim, uma resposta ao instinto. Esta concepção da repressão pode permitir que os educadores explorem suas próprias teorias de aprendizagem e desenvolvam uma curiosidade para com aquilo que não é aprendido e que compreendam como a paixão pela ignorância se defende contra um novo conhecimento. [...]

Rotular, podemos dizer que é uma característica inata do ser humano. A partir de gestos, modos de vestir, de falar, do uso de adereços, gosto por determinado gênero musical, entre outros, classificamos os demais indivíduos e a nós mesmos. É a partir de nossas concepções e nosso papel social que nos aproximamos ou afastamos de outros grupos/indivíduos. Num âmbito mais amplo, nossa sociedade apresenta como “modelo” as seguintes características apontadas por Louro (1999:15) :

[...] homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser

nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir de essa referência. Desta forma, a mulher é representada como o “segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. [...]

A escola/universidade reforça o padrão homem branco, heterossexual, classe média estipulado socialmente. A partir disso, grupos sociais que fogem a esse padrão vem buscando ampliar sua visibilidade, resgatando, assim, sua importância histórico-social. As instituições de ensino, afirma Louro (2003:45), tendem a estipular datas exclusivas para comemoração e lembrança desses grupos marginalizados (negros, mulheres, índios...)¹⁰:

[...] Como resultado, escolas infantis e cursos fundamentais reservam alguns momentos para “contemplar” esses sujeitos e suas culturas, enquanto professoras e professores bem-intencionados se esforçam para listar as “contribuições” desses grupos para o país [...]. Nas escolas secundárias e superiores, reveste-se o evento com roupagens adequadas para a faixa etária correspondente: promove-se um ciclo de palestras, convida-se um ‘representante’ da minoria em questão ou se passa um filme seguido de um debate e com tais providências dá-se por atendida a tal ausência reclamada. [...]

As atitudes das escolas sobre questões referentes ao corpo, apesar de hoje em dia estar um pouco mais flexíveis, ainda estão voltadas para a heteronormatização da vida dos estudantes. Espera-se (ou cobra-se) que os meninos sejam fortes, competitivos, rudes, classificados, comedidos, enquanto que as meninas devem apresentar-se como dóceis, dedicadas aos estudos, respeitadas, pacíficas.

Observamos, por exemplo, estas atitudes quando, no contexto escolar:

- a) Os alunos são reprimidos por participar de brincadeiras destinadas (pelas normas sociais) a colegas do sexo oposto;
- b) São estipuladas filas para meninos e meninas na entrada das salas;
- c) Atividades na Educação Física destinadas a cada um dos sexos;
- d) Críticas a um educando que somente convive com um grupo do sexo oposto;

¹⁰ Este tipo de atitude de muitas instituições de ensino somente tende a criar uma data específica para os grupos marginalizados, mas podemos nos perguntar se isso realmente significa que estejam promovendo a inclusão destes.

- e) Preconceito à demonstração de afeto entre colegas do mesmo sexo;
- f) Através do discurso muito utilizado por educadores: “Isso é coisa de menina(o)!”.

Atitudes como as descritas acima somente mostram que muitas escolas ainda esperam que os meninos tenham atitudes masculinas e as meninas tenham atitudes femininas, reforçando, assim, o preconceito a quem se atreve a desviar do que é considerado padrão. Louro, (1999:26) justifica essa atitude escolar da seguinte maneira:

[...] a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” uma identidade masculina ou feminina “normal” e duradoura. [...] Nesse processo, a escola tem uma tarefa bastante importante e difícil. Ela precisa se equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado incentivar a identidade “normal”, e de outro, simultaneamente, contê-la. [...] é preciso manter a “inocência” e a “pureza” das crianças (e, se possível, dos adolescentes) ainda que isso implique no silenciamento ou negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais. [...]

Caberia à academia evitar formar futuros docentes que reforcem esta visão hegemônica, a fim de diminuir preconceitos. Assim, poderíamos formar cidadãos de uma forma mais integral, como está previsto nos documentos oficiais citados anteriormente.

3- METODOLOGIA

Esta pesquisa, de base qualitativa, analisa o discurso de acadêmicos do curso de licenciatura em Letras Português/Espanhol no penúltimo semestre da graduação (2011). Foi selecionado este grupo, a fim de perceber como estes acadêmicos de Licenciatura em Letras reagem ao presenciar (ainda que seja apenas uma execução de vídeo) cenas afetuosas de um casal homossexual masculino, já que estes universitários se encontram no final de um curso de ensino superior e tal questão já foi discutida na universidade, ainda que não tanto quanto vem sendo debatida fora dela. A análise está focada em como este grupo de professores em formação apresenta suas representações quanto a gênero (neste caso, homossexualidade).

A partir de respostas apresentadas em um questionário semi-estruturado, foram feitas análises de seus discursos considerando que, os entrevistados estão inseridos em uma cultura onde o modelo imposto é um homem branco, classe média, heterossexual e inserido em uma tradição judaico-cristã, conforme descrito antes.

Antes da exibição de um fragmento do curta-metragem “Café com leite¹¹”, foi entregue ao grupo uma folha contendo as seguintes perguntas:

- Dados de identificação: idade, sexo, se frequentou o Curso Normal¹², se atua como docente e há quanto tempo.
- Durante sua formação acadêmica, as questões de gênero e sexualidade foram abordadas? Caso sua resposta seja positiva, diga como foi feita essa abordagem.

¹¹ Filme brasileiro, de curta metragem, dirigido por Daniel Ribeiro. O enredo conta a história de um casal homossexual masculino que estava decidido a morar junto, até que os pais de um dos jovens morrem em um acidente, deixando este e seu irmão mais jovem órfãos. Cabe ao casal cuidar do garoto e se adaptar a essa nova constituição familiar. Foi escolhido este curta metragem, pois além de ser uma produção brasileira, ter ganho diversos prêmios, apresenta um novo modelo familiar que foge dos padrões estipulados pela sociedade. Ele apresenta, ainda, de forma sutil, as dificuldades e bons momentos que todo e qualquer tipo de família encontra. Optei-me apresentar apenas um trecho do curta metragem (disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=veCDumywdVA>) afim de exemplificar um outro tipo de constituição familiar que foge ao que é socialmente estipulado como correto.

¹² Em várias regiões do Rio Grande do Sul ainda existem escolas que oferecem o Curso Normal.

- Acha relevante tratar destes assuntos em uma instituição de ensino superior? E nas escolas?
- Sente-se seguro para tratar de sexualidade e gênero na educação básica?

Após a apresentação do vídeo, os acadêmicos deveriam anotar suas impressões a respeito do fragmento do vídeo. Em seguida, responderiam as questões descritas anteriormente. As respostas e impressões¹³ compõem o corpus desta pesquisa.

3.1 O PROCESSO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no sétimo semestre do curso de licenciatura em Letras Português/Espanhol, da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Campus Bagé durante o primeiro semestre de 2011. O trabalho focaliza dez alunos do sétimo semestre, sendo neste grupo havia a presença de dois indivíduos do sexo masculino e os demais do sexo feminino.

O grupo pesquisado é constituído por alunos que estão entre 20 e 53 anos. Nenhum participante do sétimo semestre fez o Curso Normal. Porém, quatro dos alunos pesquisados já atuam em escolas da rede pública, seja como docente (titular), seja como pertencente a algum grupo de pesquisa subsidiado pela Universidade Federal do Pampa há pelo menos um ano. Além disso, todos os alunos deste semestre já realizaram pelos menos dois estágios durante o curso de graduação.

- Geração de dados

Neste grupo, poucas questões (antes do trecho do curta) foram apresentadas: como preencher corretamente os dados, se realmente tinha necessidade de colocar a idade, se o tempo de prática do estágio contava como tempo de profissão docente, assim como as práticas desenvolvidas em projetos.

O primeiro comentário feito ao iniciar a exibição do vídeo com a cena de dois homens juntos na cama foi: “Por isso falta homem pra gente! *Tri* bonitos...”. Pude perceber alguns risos, olhares de deboche, cochichos. Também foi constatado que

¹³ Foi solicitado que os pesquisados anotassem suas impressões no verso da folha que contém as questões para ser respondidas.

alguns pesquisados escondiam o rosto para disfarçar o desejo de rir do que estava assistindo. Este foi o ambiente presenciado durante a exibição do trecho de “Café com Leite”.

Lembrei aos participantes da pesquisa que, num primeiro momento, era necessário que estes escrevessem o que sentiram ao ver as cenas. “*o que a gente sentiu quando viu? (risos) Tá...*”. Ao dizer isso, foi percebido que uma aluna apresentou um aspecto pejorativo à situação. Alguns responderam de forma sucinta o questionário, outros elaboraram respostas mais complexas.

4- ANÁLISE DOS DADOS

Nesta etapa do presente trabalho serão analisadas as manifestações apresentadas pelos dez acadêmicos pesquisados, referentes à homossexualidade, tanto no questionário quanto nas impressões anotadas depois da exibição do trecho do curta metragem *Café com Leite*.

As análises serão divididas em sub-grupos, os quais foram formados a partir da proximidade das respostas dos alunos sobre questões de gênero e de como são abordados tais temas nas instituições de ensino. Esses sub-grupos são: 1) a homossexualidade que causa estranheza¹⁴; 2) homossexualidade como causadora de constrangimento; 3) gênero e sexualidade como temas abordados na universidade; 4) a relevância da abordagem de identidade de gênero nas instituições de ensino; 5) estou seguro para tratar de sexualidade e gênero na educação básica.

4.1 Análises

4.1.1 A homossexualidade que causa estranheza

Presenciar, ainda que através de um vídeo, a troca de afeto entre um casal homossexual, ainda pode ser vista com estranheza e até nojo por muitas pessoas, independente de idade e nível de instrução. Mesmo que se queira omitir esta sensação, em algum momento ela poderá ser manifestada, principalmente, pela linguagem, que é a principal delatora de nossas identificações. Através dos excertos escritos pelos acadêmicos, neste item, pretende-se desconstruir o padrão de normalidade (Furlani, 2003) que ainda circula em alguns grupos.

[E1]¹⁵ *Não posso negar que eu acho estranho, mas sinceramente sei e vejo que hoje é comum. (...) Não sinto medo de dizer que na minha opinião isso é um acontecimento diferente de tudo que eu escuto e aprendi com relação a sexualidade.*

¹⁴ A palavra estranheza foi retirada das respostas dos pesquisados. Por esse motivo, decidi usá-la no lugar de estranhamento.

¹⁵ Doravante será utilizado [E] para referir-se aos excertos retirados das respostas e/ou impressões dos pesquisados. Tais respostas não foram modificadas no que diz respeito às

[E2] *Num primeiro momento, senti um pouco de estranheza, até porque é uma situação que normalmente não se vê por aí. Aos poucos, com o passar do filme, a ficha foi caindo e passei a pensar nas pessoas, isto é, que as pessoas podem e devem ser como são na verdade.*

[E3] *Apesar de não me considerar preconceituosa em relação ao homossexualismo, a cena de intimidade entre o casal gay ainda me choca, causando uma estranheza e até mesmo um pouco de nojo.*

Pode-se perceber que, nos excertos [1] e [2], os interlocutores são perpassados por um discurso socialmente aceitável, tentando mostrar, assim, que estão conscientes que *devem* aceitar esta “novidade” ; pois “hoje é comum”. Porém, suas próprias palavras mostram não aceitam de fato este tipo de relacionamento, o que também ocorre em [3], que manifestou explicitamente qual é o seu posicionamento, ainda que diga: *apesar de não me considerar preconceituosa.*

No excerto [3] ressalta-se, ainda, o uso do termo *homossexualismo*, expressão esta utilizada até pouco tempo. A expressão correta a ser utilizada atualmente é homossexualidade, visto que, o sufixo –ismo está relacionado a doenças. Cabe ressaltar que desde a década de 80, no Brasil, a homossexualidade deixou de figurar como doença no código do INSS. Por esse motivo, a exigência do termo homossexualidade.

Ainda, é possível notar em [2] e [3] a presença da expressão **um pouco**, “*um pouco de estranheza*” e “*um pouco de nojo*”. Na verdade, esse apelo ao advérbio de intensidade em destaque, pode demonstrar uma tentativa de diminuir o que, na verdade, é muito chocante e muito incômodo a muitos universitários, ou seja, o fato de dois homens se beijarem. Mas, para talvez não demonstrar preconceito, tentam modalizar seus discursos.

Ao dizer “*é um acontecimento diferente de tudo que eu escuto e aprendi com relação a sexualidade*” [E1], o acadêmico revela a sua inclusão em um grupo cujas atitudes de carinho entre dois homens mostradas no vídeo não são permitidas e, por

suas agramaticalidades. Os números repetidos, referem-se a respostas dadas pelo mesmo entrevistado nas diferentes questões.

quê não, poderíamos dizer, censuradas. Este provável grupo no qual ele se encontra valoriza o padrão heteronormativo que Louro(1999) aponta como ideal pela sociedade, apontando a homossexualidade como algo errado, algo contra a “prática dos bons costumes”.

O excerto [E2] traz um exemplo explícito da transição entre conceitos relativos a percepção da homossexualidade no qual nos encontramos. A primeira frase apresentada pelo interlocutor - *Num primeiro momento, senti um pouco de estranheza* - já expõe uma situação que, talvez por fatores culturais, ainda pode não ser bem vista socialmente. Porém, percebe-se que ao escrever: *aos poucos, com o passar do filme, a ficha foi caindo e passei a pensar nas pessoas, isto é, que as pessoas podem e devem ser como são na verdade*, o pesquisado (neste momento introspectivo) está refletindo sobre várias mudanças sociais que o nosso contexto histórico/cultural está atravessando, pois *o corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com a mudança de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas técnicas de intervenção médica e tecnológica* conforme é apontado por Louro (1999:14). Estas mudanças proporcionam uma reflexão sobre questões que até então eram dadas como inquestionáveis, como a homossexualidade.

4.1.2 – Homossexualidade como causadora de constrangimento

E[4] *Ao assistir esse trecho, me senti um pouco constrangida no entanto, ao mesmo tempo, percebi como uma relação entre dois homens pode ser carinhosa e verdadeira.*

E[5] *Sinceramente, me senti constrangida, primeiro por não estar acostumada a ver trocas de carícias entre homossexuais e segundo por estar em uma sala com dois homens.*

Os excertos [4] e [5] confirmam o que socialmente ocorre na maioria dos países e cidades do mundo: somente casais heterossexuais podem exibir carícias em locais públicos, cabendo aos casais homossexuais demonstrar afeto em lugares destinados a este tipo de encontros, exclusivos - festas GLS, residências, guetos, grupos fechados. Ou seja, em espaços específicos para esses corpos abjetos.

Como afirma Britzman (1999) tem-se uma falsa ilusão de que a sexualidade somente poderia ser discutida (e neste caso manifestada) em locais específicos, ao contrário do que presenciamos que é a sexualidade manifestando-se em todo e qualquer lugar, já que esta não se limita exclusivamente ao ato sexual. Já se pode perceber que a presença de casais homossexuais trocando carinhos em locais públicos aumenta a cada dia. E isso já está permitindo que esta seja mais uma prática apresentada como natural e melhor aceita. Esta aceitação pode ser percebida no E[4], quando o entrevistado registra : *percebi como uma relação entre dois homens pode ser carinhosa e verdadeira.*

Outra observação importante a destacar é que ambos os excertos apresentam a expressão *dois homens*. Podemos analisar, tanto em [4], na citação recentemente mencionada: *percebi como uma relação entre dois homens pode ser carinhosa e verdadeira*, como em [5] *estar em uma sala com dois homens*, estamos percebendo a hegemonia masculina. É culturalmente aceito a existência de uma relação entre duas mulheres, na qual está presente o sentimento sincero de cumplicidade e afeto (típico do feminino), assim como é muito mais aceitável nesta sociedade machista ver duas mulheres trocando beijos, acariciando-se, uma vez que isso é bastante apresentado (principalmente) em vídeos pornográficos destinados ao público masculino. Não se espera que, nesta sociedade patriarcal, os homens manifestem sentimentos, tampouco demonstrem afetividade em público. Eles são instruídos desde a infância (bastante reforçados na escola) a possuírem atitudes brutas, apresentarem insensibilidade, serem fortes. No entanto, conforme explica Bernardo (2000:24-25) *quanto mais um machão exhibe grossura e força, mais ele mostra o seu medo de não ser homem.*

A presença de dois homens na sala de aula, como é mencionado em [5] - *Sinceramente, me senti constrangida, primeiro por não estar acostumada a ver trocas de carícias entre homossexuais e segundo por estar em uma sala com dois homens.*-, pode provocar incômodo, pois além da escola/universidade não ser considerada, para muitos profissionais da educação, um dos ambientes propícios para a discussão sobre sexualidade, este é um tema que, tanto na questão histórica como na questão cultural e religiosa, são de discussão aceitável apenas para o sexo masculino. Às mulheres ainda cabe tratar isso como segredo, algo vergonhoso, pecado.

4.1.3- Gênero e sexualidade como temas abordados na universidade

Sobre este item, os acadêmicos responderam se acreditam que terão/tiveram atividades direcionadas as questões de gênero e sexualidade.

E[6] *Houve uma abordagem sobre a sexualidade na disciplina de Literatura Lusófonas III, a partir da leitura do romance “Duas iguais”*

E[7] *Muito pouco, não lembro de alguma disciplina que trabalhasse com isso. Só no semestre passado que trabalhamos com obra tratando disso com exemplo “Duas Iguais”. Mas não foi dialogado a não ser pela Literatura.*

E[10] *Recentemente discutimos o tema em uma aula de literatura por termos lido a obra “duas iguais”.*

Ainda conforme afirma Britzman (1999) novamente, ao tratar de que em algumas instituições de ensino, ao se falar de sexo, este é abordado de maneira dessexuada e/ou pontual. Ele é didaticamente abordado, como exemplifica o entrevistado [7]: *mas não foi dialogado a não ser pela Literatura.* E[6] e E[10] também reforçam que as temáticas foram discutidas a partir da leitura da obra de Cíntia Moscovich.

Percebe-se que ao serem tratados em diversas universidades, os grupos marginalizados são apresentados pelo viés de algum conteúdo que possa dar segurança ao professor, fazendo com que estas questões de identidade de gênero não sejam promovidas de maneira que proporcionem reflexão significativa ao grupo, não apresentando-a como algo dinâmico. O problema dessa abordagem é o reforço que vários cursos de Letras (e outros cursos também) dão ao modelo padrão socialmente aceitável apresentando, em grande parte do tempo, ao exemplificar homens desempenhando “papel de homens” e mulheres desempenhando “papel de mulheres”, calando assim, a instabilidade que as identidades de gênero possuem.

4.1.4 – A relevância da abordagem de identidade de gênero nas instituições de ensino (educação básica/ensino superior)

Apesar das respostas apresentadas sobre esta pergunta serem positivas, percebe-se que esta “positividade” está diretamente relacionada ao “politicamente correto” que, na maioria dos corredores universitários, não são percebidos.

E[1] ... desta forma, teria menos preconceito, falta de respeito, deboche. Pois para mim, independente das escolhas todos são seres humanos e devem ser respeitados.

E[7] Para não ter alunos homofóbicos importante trabalhar com esses temas.

E[3] ... toda tentativa que visa a diminuição do preconceito é válida. Nas escolas creio que é de extrema importância, pois é o período de formação da identidade, no qual o jovem necessita de informações para formar sua personalidade.

Em [1], [7] e [3] percebemos que há uma preocupação pela abordagem da sexualidade no ensino superior e básico. É de praxe dizer que a sexualidade inicia na adolescência. Porém, ela já está presente, desde muito cedo, na vida das crianças, como comprova estudos realizados por Sigmund Freud, embora este seja um fato que muitas escolas tendem a “esquecer”.

O excerto E[7], apresenta uma preocupação social, a qual, os PCN's apresentam em seus documentos. Tratar sobre Orientação Sexual na sala de aula, não é apenas a execução do que sugere os documentos oficiais brasileiros relativos à educação básica (mencionados anteriormente). Ao contrário, é uma maneira de promover a formação integral de cidadãos para que estes saibam respeitar as diferenças desta sociedade plural, na qual se encontram.

E[3], reforçando a preocupação social de E[7], ressalta a importância de tratar tal temática na escola, uma vez que, também, é nela que as identidades são formadas. Pensando nisso, uma forma que o Ministério da Educação (MEC) encontrou para diminuir o preconceito sobre a diversidade sexual, foi a elaboração de materiais para serem distribuídos nas escolas (projeto amplamente discutido, pela mídia, no período que antecedeu esta pesquisa). Percebi que o denominado kit *Escola sem Homofobia*¹⁶ não foi mencionado por nenhum pesquisado deste grupo;

¹⁶ Este material foi apelidado de “kit gay” ou “kit contra homofobia”

tampouco comentaram sobre a elaboração deste material para trabalhar a temática nas escolas. Talvez tenha ocorrido um esquecimento deste fato por parte dos acadêmicos. Porém, acredito que a maioria deles ainda não tenha tido a oportunidade de refletir sobre a importância deste kit para a formação integral do alunado. Creio que, a preocupação dos acadêmicos desta pesquisa tenha se voltado mais sobre a polêmica do que a implementação que este kit provocou; ou mais sobre sua importância como um suporte extra para debater tais questões. Por ser um material de apoio docente, deveria ter tido um espaço para debate sobre esta polêmica na academia, mas percebe-se que isto ainda não ocorreu.

4.1.5 – Estou seguro para tratar de sexualidade e gênero na educação básica?

E[7] *Sim, porque hoje a homossexualidade está presente na vida das pessoas, na escola, na universidade na tv em geral.*

E[8] *Acredito que para trabalhar este assunto deveria estudar formas que não vá “agredir” a algum aluno em sala de aula, e também para não chocar os estudantes de forma que poderiam não responder da forma desejada para uma atividade, portanto, ainda não me sinto preparada.*

E[3] *Sinto segurança se partisse de uma obra literária, porém creio que essa insegurança diminuirá e tratarei desse tema sem problemas.*

E[9] *Não. É um assunto no qual, às vezes, pode ser mal interpretado, por isso, acredito que deveria ser mais abordado na faculdade ou em formações para professores.*

. O kit *Escola sem Homofobia* é constituído de cinco vídeos em DVD, um caderno de orientações para o professor, uma carta para o diretor da instituição, cartazes para divulgação na escola e seis boletins para distribuição para os educandos em sala de aula. O objetivo do material é servir como apoio para discussões sobre identidade sexual, preconceito contra mulheres e gays e sexualidade na adolescência. Além da diversidade sexual, o kit (nos boletins para os alunos) aborda temas tais como: amor, família, masturbação, prevenção da AIDS, violência sexual e doméstica. No entanto, esse kit foi vetado, recebeu diversas críticas e ainda não foi enviado às escolas.

No excerto E[3] : *homossexualidade está presente na vida das pessoas*, o educando afirma que a homossexualidade é algo que não é estranho, pois faz parte do nosso cotidiano, nos mais distintos lugares, porém, a presença do termo *hoje* no início da sentença – **hoje** *a homossexualidade está presente na vida das pessoas* – nos remete a um discurso de cunho religioso. A homossexualidade sempre existiu, conforme atesta a história. Porém, a religião, (esta grande precursora de dogmas inquestionáveis, catolicismo¹⁷ para nós brasileiros) através dos tempos, foi tratando a temática como algo prejudicial aos bons costumes, privando identidades sexuais e pregando como correta a heterossexualidade a fim de preservar a família considerada modelo: pai, mãe e filhos. Vale ressaltar que, o que se tem hoje não é a presença/imposição da homossexualidade, mas o respeito efetivo dela pela sociedade, ainda que de forma lenta, mas gradual.

Em [8] e [3] o que se constata é que as dificuldades dos pesquisados é superar a barreira do desconhecido ou daquilo que não está de acordo com suas identificações. Ao dizer: *deveria estudar formas que não vá “agredir” a algum aluno em sala de aula*, subentende-se que sua posição frente à questões relacionadas a gênero e sexualidade encontram-se em desacordo com estas identidades. Assim sendo, o professor, que estiver em sala de aula deve ser cauteloso em suas atitudes, para que respeite a diversidade encontrada nesta, porém não influencie o alunado, a partir do seu ponto de vista, mas que promova uma reflexão sobre o tema.

Já o que ocorre em [3] , quando o pesquisado comentam que: *sinto segurança se partisse de uma obra literária* , é que fica clara a preocupação do pesquisado em abordar tal temática. Para tal, sente-se seguro a partir do momento que possa utilizar algum texto literário (assim como ocorreu com ele na universidade) para que sua proposta de reflexão para/com os alunos seja significativa e abarque outras questões que também envolvam esta temática.

¹⁷ Apesar da maioria dos brasileiros serem católicos, o número de evangélicos cresce a cada dia. Sua participação nas decisões oficiais é relevante. Estes demonstram, em sua maioria, ser os mais preconceituosos na questão do respeito com homossexuais. Um exemplo disso, é que as manifestações contrárias a implementação dos *kits contra homofobia* nas escolas, partiu desses grupos religiosos, pois este material (segundo esses grupos) induziriam os jovens à homossexualidade.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independente do nível que se está trabalhando, grande parte dos educadores sentem-se inseguros em abordar ideias que, para eles, são instáveis, como é o caso da sexualidade. Torna-se muito mais cômodo tratar de algo já aceito e fixado, pois, dessa forma, estaríamos mais preparados e seguros. Percebe-se, nestes profissionais, uma vulnerabilidade para o que de “novo” possa surgir no ambiente escolar. Muitas vezes, este “novo” é algo que sempre existiu, porém somente agora está tornando-se “mais aceitável” socialmente, que é o caso das identidades sexuais. Segundo Louro (2003:44):

[...] Uma noção singular de gênero e sexualidade vem normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade [...] sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo, legítimo [...]

Penso que a universidade, na maioria das vezes, não possibilita aos acadêmicos uma reflexão e uma compreensão do fato destes grupos estarem marginalizados. Acredito que isso possa promover apenas um sentimento de piedade (alunos que se inserem na norma social) e/ou inferioridade (alunos que não se enquadram nestes grupos), mas o grupo em questão continuará sendo visto como excluído. Ao tratar isoladamente dessas ditas minorias, se idealiza uma realidade e é esquecido que estamos inseridos numa sociedade plural onde esses excluídos estão mais presentes que os próprios grupos “dominantes”.

Aceitar a existência de grupos que fujam à padronização social é difícil para grande parte das instituições de ensino, uma vez que, para a maioria, já que não se pode utilizar-se de métodos “corretivos”, como, por exemplo, os serviços de orientação escolar ou psicológica (fora da escola e de responsabilidade dos pais).

Conviver com indivíduos que quebram paradigmas e assumem abertamente sua identidade faz com que seja pensada (e muitas vezes invejada) a coragem destes enfrentar os princípios estipulados culturalmente. Sobre essa questão, Louro (2003:50) afirma que

[...] Seus modos ousados, o deslocamento, e a posição fronteira que parecem experimentar talvez lhes permita perceber a arbitrariedade de nossos arranjos sociais de formas inéditas, de formas como nunca pensamos. [...] Seu mérito reside no fato de partir de uma posição não convencional, de uma posição praticamente inabitável e, por isso, capaz de suspeitar de arranjos e formas intocáveis. [...]

Cabe aos professores (atuantes e em formação) perceber a diversidade com naturalidade; aceitar que a pluralidade de identidades como elementos que constituem o mundo atualmente. As diferenças multiplicam-se dia após dia e toca ao educando. Conhecer o que lhe parece tão distinto, perceber o outro que, assim como eles, possui anseios, medos, necessita atenção, tem sentimentos, enfim, é humano independente de cor, gênero, idade, identidade sexual, etnia. Essa atitude possibilita que o regente de turma seja exemplo para que o seu aluno identifique-se, conviva, respeite, dialogue, compreenda (a si próprio e ao outro), superando, assim, muitas das limitações impostas culturalmente, dentre elas, manifestações sexuais.

Apresentar a sexualidade como algo perigoso, pecaminoso, vulgar e tratá-la com rigidez (o que é socialmente esperado) na escola (ou em qualquer outro ambiente) não garante que ela não será explorada e/ou vivenciada por ninguém. Em muitos casos, é mais um motivo para que a vivencie. Durante a formação acadêmica deve-se possibilitar ao universitário uma reflexão sobre o sexo, para que lhes mostre um possível trabalho a ser desenvolvido ao tornar-se professor de fato, aceitando estas manifestações instintivas sem um olhar repressor.

Por ser tratada como algo “errado”, isso resulta, muitas vezes, em práticas perigosas ou cheias de receios e culpa, sendo que se trata de algo natural. Tratar como algo natural a sexualidade é o que deveria ocorrer e se esperar socialmente, sobretudo de instituições de ensino. Isso diminuiria preconceitos, quebraria tabus, evitaria doenças, tornaria a sociedade mais igualitária e saudável.

Mais uma vez, espera-se que, o futuro docente, ainda que sem muita motivação acadêmica para tal, liberte-se das amarras sociais e, ainda que possua preconceitos, supere-os a fim de que assuma uma atitude respeitosa frente a temas

que envolvam temáticas polêmicas (gênero, política, religião, cultura) para que suas atitudes, ainda que involuntárias, direcionem os jovens a esta ou aquela conclusão a partir do seu ponto de vista.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Gustavo. **Redação Inquieta**. 5ª ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

BRITZMAN, Deborah. **Curiosidade, sexualidade e currículo**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 176p.

BUTTER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Tradução Alcía Bixio. 1ªed. Buenos Aires. Paidós, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro (RJ): Graal, 1985.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual: possibilidades didáticas**. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilore (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP &A. 2003. 7ª ed.

HOOKS, Bell. **Eros, erotismo e o processo pedagógico**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 176p.

MOITA LOPES, Luis Paulo da (org.). **Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família.** Mercado das Letras, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade.** In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 176p.

_____, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilore (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

OLIONI, Raymundo da Costa. **O sujeito docente e sua identidade de gênero: uma análise crítica do discurso de professores (as) de séries iniciais.** Pelotas, RS .2004.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso : princípios e procedimentos.** 7ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (org.). **Introdução.** In: **O despertar de Eva: gênero e identidade na ficção de língua portuguesa.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

RODRIGUES, Inara de Oliveira. **Olinda: A possibilidade de luta das minorias sociais em *Avieiros*, de Alves Redol.** In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (org.). **O despertar de Eva: gênero e identidade na ficção de língua portuguesa.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SANTOS, J. B. C. **A pesquisa de caráter etnográfica na sala de aula.** Letras & Letras, Uberlândia, v. 13, n.2, p. 145-146, jul./dez., 1997.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000.

ANEXO

**Questões para análise a ser desenvolvida no trabalho de conclusão de curso:
Gênero, sexualidade e formação de professores: “terei que rever meus conceitos
ou me acostumar com a idéia?” , de Josiane da S.Q. Alves**

- 1- Durante sua formação acadêmica, as questões de gênero e sexualidade foram abordadas? Caso sua resposta seja positiva, diga como foi feita essa abordagem.
- 2- Acha relevante tratar destes assuntos em uma instituição de ensino superior? E nas escolas?
- 3- Sente-se seguro para tratar de sexualidade e gênero na educação básica?

